

APRENDENDO A SER PROFESSOR(A) EM TEMPOS DE PANDEMIA: língua, leitura, literatura, diversidade e contextos humanos.

Laís Tredicci¹

Ana Carolina de Araujo Ricardo²

Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: O presente trabalho apresenta análises de atividades realizadas como residentes no Programa de Residência Pedagógica (PRP) do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. A inserção, estudos e planejamentos relacionados à Escola Básica Municipal João Alfredo Rohr (Florianópolis, SC) ocorreram desde outubro de 2020. O tema literatura foi realizado de fevereiro a abril de 2021 numa turma de 4º ano e teve como objetivos incentivar o gosto pela leitura, ampliar o repertório linguístico como leitores/as escritores e falantes, desenvolver a criatividade, a imaginação, o respeito e o reconhecimento às diversidades. Os trabalhos foram efetivados em forma de 8 planejamentos com vivências remotas, impressas e no portal, envolvendo a literatura e a ludicidade. Como resultados foi possível conhecer os repertórios literários das crianças e também ampliá-los, assim como o acervo linguístico cultural e social e proporcionar eventos de letramento. Além disso, encontrou-se possibilidades de trabalho com os contextos em que as próprias crianças traziam ou eram relatados.

Palavras-chaves: Programa de Residência Pedagógica; Docência; Anos Iniciais; Literatura; Pandemia.

Introdução

A Escola Básica Municipal João Alfredo Rohr está situada na região do Córrego Grande em Florianópolis/SC. A instituição atende crianças no Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Os pressupostos desta escola pública e gratuita estão no compromisso com a constituição de sujeitos críticos, na interpretação, articulação e transformação da realidade,

¹Graduanda em Pedagogia pela UDESC e Bolsista do Programa de Residência Pedagógica (CAPES). Contato: laistredicci@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela UDESC e Bolsista do Programa de Residência Pedagógica (CAPES). Contato: anacarolinaa.ricardo@gmail.com

superação das relações sociais de exploração para uma comunidade e uma vida mais cooperativa com inclusão e respeito.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) constituído com parceiros como a Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC está embasado de forma “[...] democrática, com responsabilidade social, com princípios de inclusão, ética, cidadania, respeito, participação, solidariedade, de afirmação de direitos, de gênero, da diversidade cultural e étnico-racial” (PPP, 2020, p.3)” Deste modo, respeitando a identidade da escola seguimos as vivências com as crianças e profissionais da educação inseridos na Residência Pedagógica e trazendo ações condizentes com a proposta política e pedagógica.

A sequência de planos teve como tema articulador: Literatura e Infância. As propostas tiveram como objetivo incentivar o gosto pela leitura e ampliar o repertório literário dos estudantes. Pois, assim como Cândido (2004, p. 176) acreditamos que:

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

Em contexto de pandemia os encontros foram realizados de forma remota. Foram realizadas duas propostas iniciais de interação e levantamento dos hábitos de leitura e seis propostas de leitura e contação de história. Nas duas primeiras semanas foram realizadas atividades de interação e familiarização, por meio de uma apresentação cada residente falou sobre a sua infância, experiências e literaturas que marcaram, também houve uma conversa com os infantes sobre seus gostos e vivências em relação à literatura e seus interesses.

Na sequência, por meio do portal e da atividade impressa fizemos um levantamento sobre os hábitos de leitura dos estudantes. Pelas respostas, observamos que muitos gostavam de ler, mas outros responderam às vezes, todos costumavam ir à biblioteca antes da pandemia, mas nem todos tinham famílias que liam com eles em casa. Outro registro interessante é que a maioria das crianças gostava de criar histórias e contar, além disso imaginavam e expressavam em seus desenhos que eram com frequência mostrados nos encontros. Esses levantamentos iniciais acerca dos contextos das crianças foram fundamentais para o desenvolvimento das ações posteriores.

2 Fundamentação teórica

A ação conteudista e a educação bancária não condizem com a emancipação em qualquer contexto, em especial, no educacional. Assim, as vivências foram construídas em conjunto com as crianças, famílias, demais residentes e educadores, seguindo também o

trabalho pedagógico já realizado na instituição. Não há como se falar sobre educação, língua, leitura e literatura se não se falar sobre encontro com o outro. A própria palavra é um encontro e as dimensões intrassubjetivas e intersubjetivas, precisam ser levadas em consideração pois ambas formarão o leitor em sua diversidade. Deste modo, compreende-se que “o aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE, 1989, p.20)”. A principal diferença entre leitores e decodificadores é o encontro e neste, jamais se é solitário pois o diálogo sempre precede a palavra de outro e uma diversidade nos contextos humanos.

Acreditamos que a leitura sem desejo e por mero pretexto ou obrigação não constitui leitores críticos. Não há como formar leitores por fruição se as atividades propostas de leitura e literatura também não correspondem à realidade brincante da criança, ou seja, o sujeito precisa entender por que está aprendendo a ler ou está escutando uma história, qual a importância desta ação social em sua vida. “Deste modo a linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 9)”. A formação de leitores é constante e se não for bem trabalhada, principalmente na infância, a leitura poderá ser um fardo e não existirá fruição ou desejo por ela.

O professor como participante do processo de leitura e brincadeiras, se torna um exemplo de leitor e enfatiza e valoriza os sujeitos infantis como detentores de cultura, história e saberes, visto que a educação acontece nas relações e o professor não é o único detentor de conhecimento. Quando se conta uma história permite que a criança vivencie experiências letradas que contribuam para o seu desenvolvimento integral e linguístico, algo que podemos perceber nas contações de histórias que realizamos semanalmente.

A língua é inata do ser humano, todos os indivíduos já nascem predispostos a ela, no entanto, como qualquer linguagem, só se é desenvolvida se há estímulo. A língua portuguesa e a língua brasileira de sinais - LIBRAS, possuem finalidade sociocomunicativas e variedades de acordo com os contextos que cada sujeito está inserido. Por exemplo, o sinal de mãe no Rio Grande do Sul é diferente do utilizado em Santa Catarina, da mesma forma na língua portuguesa as formas de comunicação verbal e escrita irão variar, pois estão sujeitas a realidade da sociedade e dos sujeitos nela inseridos que também são totalmente variantes. A língua vive na interação e no uso social, mas pela imposição da gramática normativa é reprimida nas escolas como regra a ser prescrita em todos os lugares e contextos, limitando

ou excluindo seus indivíduos, deste modo perpetuando ainda mais o preconceito linguístico. Vejamos os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 1998):

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (p.19).

Assim como existe a diversidade na língua coloquial, há normas cultas e não norma culta, pois são uma partícula da língua inserida e determinada por uma situação social. Ambas variações precisam ser reconhecidas e respeitadas, a partir do momento que a criança conhece a diversidade da língua e literária compreende que também existem singularidades nos contextos em que está inserida, reconhecendo também a diferença no outro.

3 Metodologia

Este relato de experiência se baseia em uma sequência de planos de aula e ações realizadas pela dupla de residentes, Ana Carolina Ricardo e Laís Tredicci, do Programa de Residência Pedagógica (PRP) do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED da UDESC com supervisão da professora preceptora Arlene Moraes e orientação da professora Alba Regina Battisti de Souza. As atividades envolvendo literatura foram realizadas na Escola Básica Municipal João Alfredo Rohr de outubro de 2020 a abril de 2021, com duas turmas do quarto ano no período vespertino. Ao todo a turma do 4º ano tem 45 alunos, a turma 41 possui 14 meninos e 9 meninas e a 42, 9 meninos e 13 meninas, todos curiosos, observadores e participativos de acordo com suas singularidades.

O projeto teve como objetivo de emancipar, ampliar o repertório linguístico e literário das crianças e cativar o gosto pela leitura como eixos fundamentais. Foram organizados oito planos de aula, duas propostas iniciais de interação e seis propostas de leitura e contação de história, sendo três para os encontros síncronos e três para os encontros assíncronos.

Tendo em vista a suspensão das aulas presenciais ocasionadas pela pandemia da Covid-19 as aulas e atividades foram realizadas de forma remota, intercalando encontros *online* pela plataforma *Google Meet* e atividades impressas disponíveis para retirar na escola e disponíveis no *site* do Portal Educacional Municipal de Florianópolis por meio da plataforma

Google Forms. Devido a essa nova configuração, os estudantes tinham encontro online uma vez por semana durante aproximadamente uma hora, cuja docência era compartilhada com outra dupla de residentes e com outras professoras dos demais componentes curriculares. Dessa maneira, os planos foram elaborados pensando nessas especificidades e em quem não possuía acesso aos encontros síncronos.

4 Resultados e Discussão

As diversidades de gostos em relação a literatura são encontradas assim como a diversidade linguística de cada criança. Visto isto, buscou-se trabalhar a diversidade como positiva e essencial também para o reconhecimento da diversidade linguística, literária e social.

No primeiro plano, por meio da leitura, tivemos como objetivo trabalhar com as crianças o sentimento de empatia e respeito independentemente da classe social, etnia, gênero e crença, despertar o sentimento de que somos todos iguais, mas ao mesmo tempo diferentes, valorizando assim a diferença como característica que torna única e especial qualquer pessoa. A partir de Bondía (2002, p.27) “Duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”, pudemos destacar que existem diferentes formas de aprender e experienciar as coisas, pois somos pessoas diferentes e únicas.

Dessa forma, utilizamos o livro “Os direfentes” de Paula Bossio (2018). A história trata de uma menina que começa a olhar as pessoas a sua volta e acha tudo muito estranho, exceto sua família. Mas não consegue perceber que também era diferente. A partir disso, refletimos com as crianças as diferentes formas de ler e os diferentes tipos de leitura que variam de acordo com a especificidade de cada pessoa. Apresentamos imagens e vídeos de livro em braile, audiodescrição e comentando que uma história pode ser contada na língua brasileira de sinais (LIBRAS). A experiência foi muito rica e ficamos impressionadas com a capacidade de síntese e de argumentação das crianças acerca da temática.

Na semana seguinte, elaboramos uma atividade com o gênero textual tirinhas. A partir das perguntas realizadas pudemos observar que 25% dos estudantes que responderam a atividade não conheciam as tirinhas, enquanto outros destacaram que conheciam os quadrinhos da Turma da Mônica, Garfield, Mafalda e Snoopy. Com o objetivo de fomentar o

gosto pela leitura e ampliar o repertório a partir de práticas de leitura diversificada tanto em relação à leitura de texto quanto de imagens, apresentamos uma explicação sobre a definição, criação e uso a partir de uma tirinha de Armandinho de autoria de Alexandre Beck (2018) sobre empatia.

A partir da observação de um encontro de outras docentes, presenciamos em uma aula sobre o Coronavírus, causador da Covid-19, o relato de uma criança sobre o receio de tomar as vacinas da China, pois tinha visto um vídeo no celular de um familiar que dizia não ser confiável, tratava-se assim, de uma *fake news*. Dessa forma, optamos por realizar a leitura de um quadrinho da Turma da Mônica intitulado “Vacinação é um gesto de amor”. De acordo com Fogaça (2003, *apud* CAMPOS, 2013, p. 21):

Os quadrinhos possuem uma linguagem empolgante e que agrada desde crianças até adultos, não sendo uma atividade maçante como acontece muitas vezes com as leituras obrigatórias, além é claro, da multiplicidade de gêneros que atende os mais variados interesses e estágios de desenvolvimento dos leitores, sendo uma ferramenta eficaz no processo de transposição das barreiras que ainda permeiam e reduzem a prática da leitura.

Tendo em vista a iniciação da vacinação contra a Covid-19, com a leitura da história, ressaltamos a importância da vacinação e conversamos sobre as *fakes news*. Além disso, ressaltamos algumas características das histórias em quadrinhos como: envolvimento da imagem e do texto escrito, balões de falas e pensamentos, sinais de pontuação que reforçam sentimentos e dão maior expressividade ao personagem e a presença de onomatopéias.

Na sequência, conforme sugerido pela professora preceptora, o tema das últimas semanas foram as fábulas, tendo em vista que esse tema foi abordado no portal educacional, escolhemos a fábula “O Leão e o Rato” do livro Fábulas de Esopo de Ivana Leite (2004), por ser compacta e trazer temas como amizade e gratidão, além da possibilidade de trabalhar a interpretação de texto, separação silábica e o uso de letra maiúscula no começo das frases.

Para os dois últimos planos continuamos com as fábulas, no encontro *online* realizamos a leitura do livro “O coelhinho que não era de Páscoa” escrito por Ruth Rocha e ilustrado por Elisabeth Teixeira (2009). O livro conta a história de Vivinho, um coelho que tinha uma família com muitos irmãos. Todos queriam ser coelhos de Páscoa, mas Vivinho queria ser cozinheiro. O livro trabalha aborda questões sobre profissões e principalmente seguir os sonhos e saber lidar com problemáticas. Após a leitura convidamos os alunos para compartilhar as suas impressões sobre o livro.

No portal continuamos com o livro “O coelhinho que não era de Páscoa” e pedimos para os estudantes sugerirem outra solução para o problema da falta de ovos de Páscoa da família de Vivinho. Reforçamos para a utilização da pontuação adequada e letra maiúscula quando necessário. Nas respostas os estudantes foram criativos e propuseram diferentes formas de solucionar o problema. Em relação ao uso de letra maiúscula no começo das frases, apesar de destacarmos no enunciado, muitos não fizeram o uso, começando a frase com letra minúscula e em outros casos escrevendo todo o texto com letra maiúscula e fazendo abreviações, fatores que podem estar relacionado com o uso de celulares ou computadores para responder as atividades, ou seja, tendo que dar um outro comando para utilizar letra minúscula e maiúscula.

Visto que não estamos presencialmente por questões de segurança, pensamos em possibilidades de conhecer mais as crianças. Ao final de cada atividade deixávamos um espaço para o uso social da língua livre, em que as crianças podiam deixar um recado, comentar sobre como estavam se sentindo ou sobre algum acontecimento e nos sugerir músicas ou vídeos. As crianças trouxeram relatos e experiência sobre a vida, retorno dos encontros, atividades que gostam, músicas, frases positivas e agradecimentos.

5 Considerações Finais

Os projetos com as crianças permitiram muitos aprendizados em relação à iniciação à docência, um deles se remete a importância do olhar observador aos contextos humanos presentes e do diálogo com todos os participantes e relacionados a instituição e sujeitos. Compreendemos que não há como falar de língua e literatura se não se falar de diversidade, pois para compreender outros mundos é necessário entender que há diferenças. E para se aprender ou ensinar é necessário afeto. Em relação às experiências vividas, os estudantes e familiares se engajaram em todas as propostas de acordo com as limitações também que vivemos na pandemia e a forma remota.

De modo geral, a contação de histórias semanal concluímos como um marco naquela turma, pois muitas crianças relataram na aba de diálogo do portal e nos encontros *online* que gostavam muito deste momento e sugeriram histórias. Como residentes compreendemos a importância da ludicidade e de se cativar com o mundo infantil e o mundo escolar, pois os dois, mesmo que diferentes não podem ser opostos, mas sempre conectados.

Aprender a ser professor em uma pandemia é antes de tudo aprender a ser humano, é entender que a educação faz parte das relações humanas e acontece mediada por nós quando se há afeto. Como no clássico O Pequeno Príncipe, também trabalhado nos encontros, finalizamos a reflexão: “mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros” (SAINT-EXUPÉRY, 1989, p.37). A consciência crítica do leitor, sujeito e cidadão passa pela ampliação do repertório e, portanto, pelo reconhecimento da diferença e do outro.

Referências

BECKER, Alexandre (@tirasarmandinho). **Feira do livro de Garibaldi - RS**. 26 de julho, 2018. Facebook: Armandinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/feira-do-livro-de-garibaldi-rsgrato-e-surpreso-pela-honra-/2053738348004794/> Acesso em: 18 de junho de 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BOSSIO, Paula. **Os direfentes**. Editora Pulo do gato, 2018.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, Cláudio César de Oliveira. **Quadrinhos e o incentivo à leitura**. 2013.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

LEITE, Ivana Arruda. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Escala Educacional, 2004.

PPP. **Projeto Político Pedagógico EBM João Alfredo Rohr**. 2020.

ROCHA, Ruth. **O coelho que não era de Páscoa**. Salamandra, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo SP, Círculo do Livro, 1989.